

SINTONIA

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE RADIODIFUSÃO E TELEVISÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre - RS - Julho 2022 - Distribuição Gratuita - Venda Proibida

EDIÇÃO
ESPECIAL



SINDICATO DOS
RADIALISTAS RS

FILADO A
CUT FITE RT
SINDICATO DOS TRABALHADORES

Radialistas 60 anos: Sindicato com história de luta

Criado em 14 de julho de 1962, logo após o Movimento da Legalidade de 1961, e pouco antes do Golpe Militar de 1964, o Sindicato dos Radialistas do Rio Grande do Sul fez história pela sua combatividade e protagonismo ao longo de seis décadas.

Foi aqui no sul do Brasil que iniciou o movimento e foi redigido o Projeto de Lei que criou e regulamentou a profissão em 1978, dando consistência ao direito de exercício da profissão e proteção trabalhista a milhares de profissionais até hoje.

Esta foi uma das maiores conquistas de toda a história dos radialistas constituída de tantos ativis-

tas gaúchos que neste informativo especial falam da caminhada dessa profissão que se transforma pelas mudanças tecnológicas, mas se mantém com a mesma responsabilidade de quem tem um papel fundamental de comunicar à sociedade.

Mesmo com os profundos ataques aos trabalhadores e trabalhadoras, retirando direitos com as chamadas “reformas” trabalhistas ou modificando a legislação dos radialistas por meio de decreto, como ocorreu no governo de Michel Temer, em 2018, a categoria segue fortalecida por meio das ações do sindicato dando sustentação às lutas que se colocam a cada período histórico.

A organização e ativismo sindical seguem fazendo frente aos ataques, como os desferidos pela gestão do governador José Ivo Sartori ao tentar extinguir a Fundação Piratini e demitir os funcionários da TVE e FM Cultura, entre outras fundações. O protagonismo jurídico vem preservando os funcionários e mostrando a força do Sindicato, unificado com as demais categorias atingidas.

Cada vez mais o sentido coletivo, de pertencimento e de reconhecimento profissional são motivadores para a organização e fortalecimento dos trabalhadores e trabalhadoras junto à sua categoria.

**Lauro Hagemann:
fundador e primeiro
presidente P. 2**

**Malheiros:
A responsabilidade
da profissão P. 3**

**Lei dos Radialistas:
a grande conquista P. 4**

**O protagonismo das
mulheres na direção P. 5**

**A defesa da categoria
nos tribunais P. 7**

**Seminário debate
o futuro da
profissão P. 8**



Sindicato dos Radialistas: Trajetória combativa e resistente há 60 anos

Em 1961 foi criada a Associação Gaúcha de Radialistas (Agra), embrião do Sindicato dos Radialistas do Rio Grande do Sul fundado em 14 de julho de 1962, elegendo Lauro Hagemann como primeiro presidente da entidade, uma das pessoas mais ativas e fundamentais na aglutinação profissional.

A primeira assembleia da categoria foi realizada em agosto de 1962 no auditório do IAPI, na Avenida Borges de Medeiros, esquina com a Riachuelo. Um mês depois, em 22 de setembro, de forma corajosa e organizada, a categoria deflagrou a primeira greve da sua história motivada pela negativa da classe patronal em aceitar a proposta da categoria e ainda tentar reduzir o pedido dos trabalhadores.

Desde então, organização e mobilizações fazem parte do cotidiano nessas seis décadas. A maior de todas as conquistas foi a Lei que cria e regula a profissão de radialistas, em vigor desde 1978 com forte contribuição do Sindicato gaúcho.

Em 1986 os sindicatos dos Radialistas, Jornalistas, Gráficos e Administrativos se uniram e deflagraram o movimento “Finquei Pé”, dentro da RBS resultando em aumento salarial e equiparação.

Regionalização

Com a política de valorização dos trabalhadores do interior, a entidade passou a ter delegados regionais e sindicais ampliando a representatividade. Nas convenções coletivas, houve conquistas recorrentes de cláusulas benéficas aos trabalhadores.

“Cumprimento a todos que fizeram essa trajetória no Sindicato e aqueles que vão mantê-la”, registra Cláudio Brito, atualmente nos microfones da Rádio ABC, em Novo Hamburgo.

“A capacidade que temos desde 1978, com o registro profissional, é conquista do sindicato. As posições firmes nos dissídios coletivos, nas reivindicações e nos momentos ruins da pátria na defesa intransigente de fazer rádio me faz ficar mais perto do nosso sindicato. Ele é a nossa morada”, comple-



ta. “Minha saudação de quem dedica o seu tempo, sua alma, seu entusiasmo, também suas dificuldades e dores ao rádio. Me orgulho de dizer que sou um homem de rádio”, conclui.

Patrono do Sindicato

“Lembro de ouvir aquela voz, forte, encorpada. Para mim ele é o patrono do nosso sindicato”, declara o radialista Cláudio Brito ao se referir a **Lauro Hagemann, fundador e primeiro presidente do Sindicato dos Radialistas**, falecido em 2015, aos 84 anos. “Ele deu o primeiro passo, enfrentou todas as dificuldades, primeiro formando a associação e depois o sindicato”, historia Brito.

Hagemann gravou na história do rádio gaúcho seu timbre e entonações no Repórter Esso por 14 anos, entre 1950 e 1964, e se transformou no principal locutor noticiário de sua geração.

Ativista político, emprestou sua voz à Rede da Legalidade em 1961. “Tinha apenas um locutor lá, o Naldo Charão de Freitas. Então, eu me apresentei. Foi sopa no mel”, contou Hagemann.

O professor e pesquisador, Luiz Artur Ferrareto acredita que a credibilidade de profissional de rádio e a militância refletiram na força pa-



FOTO: LÉO CONTURSI

ra fundar o Sindicato dos Radialistas um ano após, e em menos de um mês de constituição liderar uma bem-sucedida greve.

O Golpe de 1964 interrompeu a atividade sindical. Hagemann tomou posse como vereador em Porto Alegre em maio daquele ano; foi eleito deputado estadual pelo MDB em 1966 e teve seu mandato cassado no dia 13 de março de 1969.



O rádio na Legalidade

Para Carlos Bastos, 87 anos, o rádio continua ocupando seu nicho na comunicação. “Sofreu alguma perda com o surgimento da internet e as redes sociais. Mas continua muito vivo e tem seu público”, testemunha como ouvinte assíduo. Militante do jornalismo e da política, Bastos era assessor de comunicação do governador Leonel Brizola quando liderou a resistência ao golpe dos militares contrários à posse do vice-presidente João Goulart com a renúncia de Jânio Quadros. “Na passagem dos 100 anos do rádio vale ressaltar que Brizola como político foi quem melhor usou este instrumento”, resume. O governador requisitou os equipamentos da Rádio Guaíba para os porões do palácio, onde seria criada a Rádio da Legalidade. Em questão de horas virou a Rede da Legalidade, com 104 emissoras gaúchas, catarinenses e paranaenses que projetaram o movimento para o país. Funcionou 24 horas, durante 12 dias, transformando o Palácio Piratini em QG de resistência, escreveu a jornalista Núbia Silveira.

Presidentes dos Radialistas 1962/2022

Lauro Hagemann
Jones Lima
Antônio Carlos Porto
Ciro Machado
Carmen Crochemore
Antônio Edison Peres (Caverna)

David de Freitas Madruga
João Carlos Linderman Coimbra (Mortoza)
Valdinei Lima Munhoz
Elto Luiz Basei
Silvonei Alex Nunes Benfica
Antônio Ricardo Malheiros Silva de Souza

ENTREVISTA

Ricardo Malheiros – presidente do Sindicato dos Radialistas

“Ser radialista é ter responsabilidade”

O presidente do Sindicato dos Radialistas, Ricardo Malheiros, analisa os avanços, conquistas e desafios frente às mudanças trabalhistas e tecnológicas para os cerca de 15 mil radialistas do Rio Grande do Sul, dos quais 60% na capital, onde estão concentrados os maiores veículos de comunicação.

Em tempos de grande difusão de fake news, a informação de qualidade e a credibilidade são valores inquestionáveis para o exercício ético da profissão. “Ser radialista é ter responsabilidade”, acentua o dirigente, lembrando que essa conduta se estende a todas as funções, muito além dos apresentadores de conteúdo.

“Não há quem exerça a profissão de radialista no RS sem registro. A gente cobra e vai pra cima. É muito sério, porque a gente mexe com a vida das pessoas. Mostramos a importância do profissional qualificado”.

Se enquadra como radialista todo o profissional da comunicação que gera produtos audiovisuais, englobando funções nos setores de criação, cenografia, sonoplastia, filmagem, edição, assistência de estúdio, redação, direção, roteirização, elaboração de pautas, apresentação, narração, locução, entre outras necessárias para colocar um programa no ar.

Consciência de classe

“Nossa história é de luta. De 1962 para cá, passamos por fases muito sérias, de opressão grande sobre os trabalhadores e momentos acirrados”, registra o dirigente de 58 anos e 40 de profissão, filho de radialista. Menos de dois anos após a criação do Sindicato, veio o golpe militar e colocou seus interventores, inibindo atividades de mobilização.

Também entende que a categoria já teve ativas mais engajados nas lutas coletivas com maior consciência política e sindical do que os trabalhadores de agora. “Alguns colegas se identificam com o patrão e é onde temos problema”, observa.

“Se os trabalhadores entendessem o respaldo que têm os sindicalizados, teríamos outro patamar de reivindicação. Não por arrecadação, nem por se-

gurança de trabalho, mas por força, por representação, por pertencimento, por consciência de classe, por dignidade. Conquistar com base na lei e negociar o melhor para o trabalhador”. Registra ainda que seria inteligente que as patronais entendessem o quanto é mais fácil ter um sindicato para negociar as relações de toda uma categoria.

Conquistas da mobilização

Entre as principais conquistas coletivas da categoria, Malheiros destaca a Lei que cria e regulamenta a profissão, implementada no final da década de 70, com forte participação do sindicato gaúcho. Destaca as ações mais recentes de reintegração dos quadros demitidos da Fundação Piratini, do grupo RBS, e obtidas com a forte atuação judicial. Ele próprio foi demitido do Canal Rural em 2021, já sendo presidente, e reintegrado meses depois por determinação judicial. Destaca ainda as ofensivas sindicais para coibir o exercício ilegal da profissão por pessoas que não têm o registro profissional.

As negociações salariais também são consideradas um ganho da categoria, que alcançou 11,34% de reajuste no último acordo coletivo (data-base 1º de novembro). “Foi o melhor do Brasil da categoria”, registra Malheiros. Ele destaca que a capacidade de diálogo tem sido vitoriosa nas tratativas com a classe patronal e, diferente de outros momentos das mobilizações, se dá pelos meios judiciais, quando necessário. “Não precisa de grito e sair chutando. A melhor forma de dirimir as diferenças é no Judiciário”, entende.

“Muitos enxergam os sindicalistas como pragas que atrapalham. Estão errados. Nós alertamos os patrões dos seus erros. Mesmo quando adotamos a via judicial, informamos de nossas ações e fazemos um trabalho sério no sindicato”, registra.

Aproximar os radialistas

O presidente enfatiza que o Sindicato está sempre de portas abertas para acolher os radialistas. “Basta entrar em contato que damos todo o suporte”, ressalta. “Infelizmente, a categoria procura o sindicato em duas ocasiões: para fazer oposição sindical ou na hora da demissão. O profissional não sindicalizado não tem amparo nenhum na hora em que é dispensado”, enfoca.

Malheiros comemora o aumento de participação na pandemia com a migração para reuniões online. “A tecnologia, facilitou a condução do sindicato. Fazemos reuniões virtuais, objetivas, não perdemos tempo e executamos as pautas e assembleias com aproveitamento maior. Me surpreendeu a



FOTOS: ACERVO SINDICATO

adesão de participantes porque não precisa mais se deslocar”. Para Malheiros, é preciso desmistificar o preconceito de que todo o sindicalista é comunista. “Somos trabalhadores, como qualquer um. Nossa bandeira é do trabalhador, não da política partidária”, esclarece. “Somos de esquerda porque defendemos a classe de trabalhadora”, conclui.

Gestão na resistência

As demissões na pandemia resultaram na redução de aproximadamente 30% dos associados. A retirada do imposto sindical no governo Temer fragilizou profundamente as receitas, obrigando a entidade a locar a sede do bairro Menino Deus e migrar para uma sublocação no Sindicato dos Gráficos no bairro Santana, movimento dirigido a equilibrar as finanças.

Em vigor desde 2017, a reforma trabalhista (Lei 13.467, de 2017) mudou as regras e retirou a obrigatoriedade do imposto sindical, fragilizando as entidades e deixando trabalhadores mais desprotegidos frente aos empregadores. Para a categoria, foi ainda pior o desmonte da Lei dos Radialistas, feita por decreto pelo governo Temer, atendendo o lobby dos radiodifusores, sobrecarregando e reduzindo salários.

Desafios a regulamentar

O Sindicato pleiteia garantir regulações do trabalho híbrido ou home office, uma realidade pós-pandemia que veio para ficar. O direito do uso de imagem do locutor na nova lógica digital de rádios-tv exige normativas. “Isso é uma necessidade que estamos colocando nas negociações”.



Lei dos Radialistas: a maior conquista

Ciro Castilho Machado se alegra ao lembrar de ter tido papel fundamental para a categoria: elaborar o Projeto de Lei que criou a profissão. “Esta foi nossa maior conquista”, registra, orgulhoso, relembrando as mobilizações, assembleias, congressos em várias partes do país. “Eu participei dessa lei. Elaboramos a redação com o protagonismo dos sindicatos do RS, SC, RJ e SP. Os demais foram no embalo”, relata.

Busca em seus arquivos o livreto impresso com toda a legislação. A publicação tem seu empenho e suas digitais: além da lei, redigiu também a apresentação e notas finais de valorização da categoria. “A partir dessa lei, os empresários tinham que obedecer. É um instrumento fundamental. Me sinto muito bem em fazer parte disso”, completa.

Sedes e benefícios sociais

Formado em Jornalismo (1974) e Direito (1991), Giro, como é chamado, conta belas memórias de sua vida de comunicador e sindicalista. Começou sua carreira em 1º de janeiro de 1969 na Rádio Princesa e encerrou as atividades 42 anos depois, em 2011, para seguir com exclusividade na advocacia.

Foi o quarto presidente eleito do Sindicato dos Jornalistas, após Lauro Hagemann, Jones Lima e Antônio Carlos Porto, onde liderou a categoria por dois mandatos, tendo Carmen Crochemore como vice-presidenta na segunda

gestão. Sua estreia no sindicalismo foi a convite para a diretoria na gestão de Jones Lima, seu ex-colega, operador de áudio da Princesa. “Fiquei de secretário. Na gestão do Antônio Carlos Porto, me convidou a ser vice e depois presidente”.

Recorda que a primeira sede ficava num apartamento na rua Demétrio Ribeiro, no centro da cidade.

Na sua gestão, foi adquirida uma nova sede próximo ao Estádio Olímpico, depois permutada com a direção do Grêmio pela casa da categoria na Barão do Teffé, também no bairro Menino Deus. E



fala das muitas reuniões, assembleias, festas e atividades sociais e assistenciais que marcaram época. “Era um ponto de encontro, irradiava benefícios à categoria, como gabinetes médicos e odontológicos, uma movimentação grande que também trazia sócios. O sindicato tinha um papel social destacado. Foi gratificante”, registra.

História na radiodifusão

Em 1985, advogando e atuando como radialista, desligou-se do sindicalismo. “Não tinha mais tempo”. Destaca que exerceu todas as atividades sindicais sem nunca se licenciar dos empregos e sem receber nada por isso. “Nunca recebi nada do sindicato e ou das empresas. Quando era para viajar pedia licença, como previa a CLT”, precisa.

Combinou empregos de locutor e apresentador em veículos como a Farroupilha, Guaíba, TV Piratini, TVE e SBT. Apresentou noticiário na TV Piratini; na estreia do SBT em 1981, foi apresentador de notícias e ficou na emissora 30 anos, até sair em 2011. Entre 1982 a 1996 combinou com trabalho na TVE, onde apresentou o primeiro telejornal matinal, das 7h às 7h30, em dupla com Tereza Machado, já falecida. “Levantava cedo e subia o morro com neblina e cerração”, recorda.

Marcos Martinelli: a greve que mudou a carreira

Funcionário da RBS TV e vice-presidente dos Radialistas na gestão de Carmen Crochemore, o repórter Marcos Martinelli foi demitido da emissora na greve nacional da categoria em 1986, no governo de José Sarney.

“Mesmo com imunidade, sendo vice-presidente do Sindicato e dirigente da Federação Nacional dos Jornalistas fui demitido num ato ilegal”, observa. Sem emprego, viu-se forçado a sair do estado. “Esse fato mudou a minha vida. Me fez sair e alçar vôos na profissão. Morei em São Paulo, Brasília, Espanha e Inglaterra. Só voltei cinco anos depois, quando ganhei a ação e fui reintegrado”, relata. “Tivemos uma baixa importante no quadro diretivo e uma luta jurídica muito pesada”, relembra Crochemore.

Nesta gestão sindical, Martinelli participou de intensas movimentações para fortalecer a categoria e organizar a atuação no interior. “Era final da ditadura e o sindicalismo era uma forma das pessoas se expressarem e se organizarem. Foram tempos difíceis, de guerra e



de garra”, relata. Para Martinelli, essas memórias suscitam uma época de ideologia, de atenção a quem estava nos veículos, mal remunerado, com dificuldade de trabalho, sem condições de crescer, de se qualificar. “Tenho gratas recordações. Foi um momento de muita agregação de gente do rádio”, testemunha.

Após longa carreira como repórter de TV, Martinelli migrou para o marketing, onde atua até hoje.

Necessária retomada da unidade sindical

O desejo antigo de unir jornalistas, radialistas, gráficos e administrativos de jornais e revistas segue como um objetivo buscado pelos dirigentes atuais. “Separados não vamos fazer nada. Ainda mais com a perda de direitos, a reforma trabalhista e a retirada de apoio financeiro que enfraquece as lutas. Precisamos unir forças”, entende o dirigente dos Radialistas, Ricardo Malheiros.

A unidade na defesa da comunicação pública na manutenção dos funcionários da Fundação Piratini foi uma ação conjunta recente e muito importante, registra a presidenta do Sindicato dos Jornalistas, Vera Daysi Barcellos.

A ex-presidente dos Radialistas, Carmen Crochemore, relembra tentativas de fusão das categorias realizadas há quatro décadas. “Estamos conversando sobre fatos de muitos anos e o debate sempre volta à pauta”, observa, citando o seminário “Construindo a Unidade Sindical” (1998).



A presença aguerrida das mulheres



Carmen Crochemore foi a única presidenta mulher nos 60 anos do Sindicato. Ela conta que na sua gestão, entre 1987/1991, havia muitas mulheres combativas. Entre elas, cita a secretária-geral da entidade, Claudete Costa, da RBS, já falecida, e dirigentes como Marta Campos, da produção da rádio Gaúcha e TVE. Coincidiu também com a liderança no Sindicato dos Jornalistas por Vera Spolidoro, também primeira mulher a conduzir a entidade.

Esse forte ativismo sindical ocorreu num período de efervescência política no país, de retomada do processo democrático e elaboração da Constituinte, e de uma sucessão de planos econômicos que geraram perdas aos trabalhadores, exigindo protagonismo e resistência para preservar ganhos e direitos.

Descentralização e ganhos

“Nossas principais conquistas foram delegados sindicais por local de trabalho, nas principais emissoras na capital, como no interior, autonomia sindical, reformulação dos estatutos regidos pelas normas da ditadura militar e adaptação à Constituição de 1988”, relata. Esse período foi re-

cheado de medidas econômicas como o Plano Cruzado (1986); plano Bresser (1987), Plano Verão em 1989 e Plano Collor, em 1990. “Fomos a única categoria da comunicação que recuperou as perdas do Plano Bresser, conquistando o melhor acordo coletivo do país, segundo o Dieese”, recorda a dirigente, que também foi diretora geral da TVE e da TV Assembleia, com destacado papel no fortalecimento da comunicação pública.

Manipulação por algoritmos

Para Crochemore, os últimos anos foram de veloz retirada de direitos nas reformas trabalhista, previdência, precarização nos contratos de trabalho em plataformas digitais, terceirizações e pejotizações. “É preciso eleger candidatos comprometidos com os trabalhadores, recuperar os segmentos produtivos e promover igualdade”, pontua. Para além dos avanços tecnológicos que remodelam o mundo do trabalho, a dirigente se preocupa com a manipulação social pelo uso da inteligência artificial. “As empresas de tecnologia capturam dados e modelam comportamentos orientando conteúdos por algoritmos. Este é um debate urgente”, alerta a comunicadora de longa carreira na radiodifusão.

“Finquei Pé” fez história e unidade

Crochemore foi vice-presidenta da gestão anterior, liderada por Ciro Machado, e avalia que a sua eleição resultou da vitoriosa campanha “Finquei Pé”, movimento por melhores salários dos trabalhadores do grupo RBS. Iniciado na TV, o movimento recebeu adesão da Rádio Gaúcha, Zero Hora e demais emissoras do Grupo com mais de três mil funcionários. “Garantimos equiparações e aumentos salariais, além da adesão dos jornalistas, gráficos e administrativos em jornais e revistas”, conta sobre esse embate histórico, que cunhou a sigla como “Rede de Baixos Salários”. A ação unificada das categorias fortaleceu a campanha. “Carmen e eu nos empenhamos em juntar radialistas e jornalistas. Numa manhã fria, estávamos no portão da RBS TV, de braços dados num cordão humano para impedir o ônibus de entrar com trabalhadores. Veio pra cima e tivemos de abrir caminho. Não desistimos. Fomos pro portão da emissora e seguimos na luta”, relembra Spolidoro, que alimenta o propósito de unir as categorias. “Sem unidade nunca conseguiríamos”, completa.



O ativismo que vem do interior

Eleito delegado sindical em 1992 e por mais de 10 anos integrante da diretoria da entidade, chegando a ocupar a vice-presidência estadual, Dagberto Reis é um dos ativistas no interior do estado. Radialista em Santana de Livramento há 36 anos, reconhece a importância do vínculo sindical no exercício da profissão.

Colaborador nos debates da categoria, destaca as vivências dessa trajetória. "Bons tempos de aprendizado e formação política com colegas. Fiz grandes amigos no Sindicato. Lembro com carinho de muitos companheiros de lutas como o Mortoza, de Pelotas; o Soares, de Rio Grande; o Isaías, de Santa Maria e, claro, dos que me levaram para luta sindical, o Roberto Eli e o Valdinei", enumera, recordando o Congresso dos 30 anos do Sindicato, realizado na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre.

Mesmo com as mudanças nos meios de comunicação, registra que o rádio segue com destacado papel, especialmente em municípios do interior. "Mesmo com as redes sociais e suas facilidades, nada substitui o rádio. O peão campeiro está lá no

campo nos escutando pelo aplicativo e já manda uma mensagem falando sobre a estrada da localidade. As redes sociais nos tornaram ainda mais fortes, mais interativos com o nosso público", testemunha.

Com forte atuação nas rádios Cultura e Maratan AM, repórter e chefe de redação dos jornais A Platéia e Folha Popular e correspondente do Correio do Povo, defende o compromisso dos profissionais da comunicação com a transformação social.

"Além da informação, precisa conquistar a audiência da comunidade, principalmente pela opinião forte sempre em defesa do povo mais sofrido", registra o comunicador,



que também está no terceiro mandato como vereador no município da Fronteira Oeste. Ele reforça que mais do que nunca a informação de qualidade é importante frente ao aprofundamento da fome, desemprego e extinção de políticas públicas.

"Precisamos resistir e continuar transmitindo esperança para as pessoas, mas sem deixar de mostrar a elas a verdade, sem manipulação, sem mentiras e sem medo de sonhar com um mundo melhor, inclusivo e diverso", completa.

Batista Filho: radialista de coração

João Batista de Melo Filho atuou mais tempo na televisão, mas a sua grande paixão sempre foi o rádio. "É um veículo insuperável, em termos de instantaneidade e pelo subjetivo. Ninguém ruim sobrevive no rádio", declarou em entrevista em 2007. Em mais de seis décadas de atividade, testemunhou as transformações. Integrou as direções do sindicato dos Radialistas, dos Jornalistas e presidiu a Associação Riograndense de Imprensa.

Iniciou sua carreira em 1958, na Rádio Farroupilha, aos 17 anos, e a partir daí teve larga trajetória como narrador e comentarista esportivo, entre outras funções em importantes meios.

Foi o 1º contratado da TV Piratini em 1959 onde permaneceu até sua extinção em 1980. Passou pela TV Guaíba, Fundação Piratini que mantém a TVE e FM Cultura e TV Assembleia, onde apresentou o programa Democracia por uma década. Em 1964, foi um dos primeiros a ter a demissão so-



licitada pelos agentes da ditadura na TV Piratini, onde se manteve sem assinar os créditos pelo jornalismo. Em 1975, autorizou noticiar a morte do jornalista Vladimir Herzog, proibida a seguir. "A gente sempre encontra uma brecha quando quer resistir", conclui.

Batista só demonstra desconforto quanto o tema é a distância dos microfones e o valor da apo-



sentadoria, 1/3 menor do que esperava. Com sua conhecida reflexão filosófica, ganhador de inúmeros prêmios na profissão, observa que a maturidade profissional, a competência, a criatividade, o conhecimento acumulado não contam mais para espaços profissionais quando o etarismo entra em campo.



O esporte como espaço de trabalho

Grande parte dos profissionais que atuam no rádio tem alguma passagem ligada a programas esportivos e relatam suas trajetórias. Batista Filho, por exemplo, cita o Conversa de Arquibancada, programa noturno de grande audiência da Rádio Farroupilha, como modelo que inspirou o formato do Sala de Redação, da Rádio Gaúcha. Grandes radialistas começaram suas carreiras em coberturas de futebol e migraram para outras editorias ou vice-versa. Muitos jogadores e técnicos também deixaram os gramados e passaram a atuar nos microfones como comentaristas. O Sindicato dos Radialistas destaca a exigência da formação e registro de quem deseja fazer esse caminho. Aproveitando a grande audiência das transmissões, a própria entidade já realizou campanhas nos estádios de futebol.

Respaldo jurídico é segurança aos associados

Reintegração de trabalhadores demitidos injustamente, recuperação de perdas salariais por planos econômicos, esclarecimentos sobre direitos assegurados, presença nas mesas de negociação nos acordos coletivos, assessorias nos diferentes assuntos e condutas de trabalhadores, trabalhadoras e da direção da entidade são alguns dos serviços especializados prestados pela assessoria jurídica à disposição dos associados do Sindicato dos Radialistas.

Uma das participações decisivas mais recentes foi contra a extinção da TVE, com a demissão de todos seus funcionários, determinada pelo Governo Sartori. Uma Frente Jurídica em Defesa das Fundações foi formada com as assessorias dos Gráficos, Engenheiros, Jornalistas e Semapi. “Até hoje não conseguiram extinguir todas as seis fundações, nem demitir todos os funcionários”, resume o advogado Pedro Osório, que integra a equipe de assessoria.

“Nosso escritório foi contratado para prestar assessoria jurídica aos Radialistas em 1984, pelo Presidente Ciro Castilhos Machado. Desde lá, trabalhamos ininterruptamente. São 38 anos com centenas e centenas de ações, coletivas e individuais em prol da categoria”, completa Antônio Castro, também da COP – Advogados Associados.

Reintegrações e recuperação de perdas

Dirigentes da entidade demitidos, como Antonio Edisson Peres, o Caverna, ou o atual, Ricardo Malheiros, também recorreram de suas demissões ilegais e foram reintegrados judicialmente, assim como inúmeros outros dirigentes e delegados sindicais.

Demitido por atuar numa greve geral nos anos 80, o vice-presidente Marcos Martinelli, recorreu à assessoria especializada do escritório e cinco anos após foi reintegrado ao quadro da RBS TV.

Entre as principais lutas encampadas nessas quase quatro décadas de serviços prestados, os ad-



vogados destacam a defesa da vigência e validade da lei especial do radialista, Lei 6615/78.

Nesta questão, as ações vencedoras foram contra a Súmula 129, editada em 1982 pelo Tribunal Superior do Trabalho, em que patrões diziam que terminava com o acúmulo de funções e os contratos por função.

Nos anos 90, foi a vez de mover dezenas de processos para repor as perdas que o governo impunha com a correção do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

Nos planos econômicos, boa parte da categoria teve ações vencedoras e recuperou valores dos planos Cruzado (1986) e Plano Verão (1989). No Plano Bresser, o Sindicato conquistou na mesa de negociação - na data-base de 1987, sem perdas.

Para além de causas trabalhistas diretas relativas ao emprego, o Sindicato atuou ainda em defesas sociais de seus associados, como as relativas a moradia. Foi organizada a defesa jurídica da categoria contra os aumentos abusivos do financia-



mento da casa própria, do então BNH, por meio de dezenas de mandados de segurança de radialistas atingidos.

“Nossa identificação com os trabalhadores, a proximidade e conhecimento profundo do assunto nos permite estar em sintonia com as necessidades e fortalecimento da categoria”, completa Osório.

Golpe de 2016 despedaça Lei dos Radialistas

Desde abril de 2018 a profissão de radialista no Brasil sofreu importantes perdas que estavam garantidas por lei desde a regulamentação da profissão em 1979. Um decreto do então presidente Michel Temer, sem qualquer consulta ou debate com a categoria, atendendo os donos de empresas, unificou funções, resultando em acúmulo de funções e menores ganhos.

“Em 4 de abril de 2018 foi publicado o decreto 9.329 da Presidência da República que, alterando os termos do Decreto 84.134 de 1979, despedaçou a profissão de radialista no país, coroando o esforço que as emissoras de rádio e tv há décadas faziam para liquidar com os direitos de seus trabalhadores”. Esta é a síntese do advogado Antônio Escosteguy Castro em artigo publicado na ocasião.

O decreto 84.134, de 1979, que regulamentou a lei 6.615, descrevia 94 funções, divididas em

três grupos de atividades (administração, produção e técnica) em 16 setores. O novo decreto reduz estas funções para 25, cerca de um quarto do quadro anterior, não só eliminando funções mas somando tarefas que se desdobravam em diversas outras. De sete funções de locutor restou apenas uma. O profissional radialista, por exemplo, que antes apresentava um programa de notícias e depois comentava jogos de futebol, recebia por duas funções. Com a mudança, receberá apenas por uma.

Especialista na área, Castro detalha que há inconstitucionalidade em misturar temas. “Usam o avanço tecnológico como pano de fundo para sobrecarregar os trabalhadores e reduzir vencimentos”, argumenta. Uma Ação Direta de Inconstitucionalidade está em análise no Supremo Tribunal de Justiça e pode trazer alterações ao cenário.



Os desafios da profissão em debate

Para marcar o aniversário, o Sindicato dos Radialistas realiza o **seminário “O futuro da profissão de radialista nos próximos 60 anos”** reunindo profissionais de diferentes gerações e veículos para discutir as novas tecnologias e os desafios da profissão.

A atividade ocorre no dia 15 de julho durante todo o dia, no Sindicato dos Bancários. O credenciamento inicia às 8 horas. Participam dos debates Hélio Alvares, da rede Globo; Caio Klein, da FM Cultura; Cláudio Brito, da ABC FM; Luciano Potter, da Gaúcha, Roberto Cervo, da Agert e Cris Silva, da RBS TV.

Também analisam as relações de trabalho dos profissionais de comunicação o presidente da Central Única dos Trabalhadores CUT/RS, Amarildo Censi, os presidentes dos sindicatos dos Radialistas, Ricardo Malheiros; dos Jornalistas, Vera Daisy Barcellos; dos Gráficos, Francisco Peixoto, e o representante da COP – Advogados, Antônio Castro.

“Convidamos toda a categoria a participar, trazer suas questões e sugestões para construirmos juntos as diretrizes e estratégias profissionais. As soluções se constroem semeando possibilidades coletivamente”, ressalta o presidente da entidade, Ricardo Malheiros.

Transmissão ao vivo pela página do Sindicato no Facebook:

@sindicatoradialistasrs

Acesse aqui o formulário de inscrição no seminário



SEMINÁRIO DE ANIVERSÁRIO DE 60 ANOS DOS RADIALISTAS RS
O futuro da profissão de radialista nos próximos 60 anos.

10h30 - As novas tecnologias para os radialistas

Hélio Alvares (Rede Globo) | Caio Klein (FM Cultura)

14h45 - Radialistas nos próximos 60 anos

Cláudio Brito (ABC FM) | Luciano Potter (Grupo RBS)

Roberto Cervo (SindRádio - AGERT) | Cris Silva (Grupo RBS)

15 de julho
Sexta-feira - 8h Credenciamento

Local: Auditório do Sindicato dos Bancários, Rua General Câmara, 424 - Centro, Porto Alegre, RS

Informações/inscrições:
https://radialistas-rs.org.br/seminario/
www.radialistas-rs.org.br
WhatsApp: 51 51 3233.3500

Conteúdo é o futuro do rádio, diz Paulo Gilvane

“O caminho da sobrevivência é o conteúdo, seja notícia, debate, bate-papo, entretenimento. Rádio é conversa e o futuro caminha cada vez mais nessa direção”, atesta Paulo Gilvane Borges, nessa entrevista especial para o Sintonia.

Criador e diretor-geral da Agência Radioweb, o comunicador acompanhou de perto as transformações nessas duas décadas. Criada em 2001, durante o Fórum Social Mundial para oferecer cobertura jornalística para emissoras de rádio com dificuldade de cobrir o evento, hoje é a maior agência de notícias para rádios do Brasil, com cerca de 280 mil downloads mensais dos mais de 50 boletins diários de diferentes assuntos. A transmissão via web, além da transmissão broadcast (via antena), se transformou numa grande alternativa para o rádio. “Ao invés de acabar com o rádio, ao contrário, o potencializou”, vê Gilvane. Além de levar a programação para o mundo, a transmissão via web permite que o ouvinte ouça a rádio por outros meios. “Quem faz um bom uso dessa plataforma adicional agrega ouvintes e amplia possibilidades de faturamento”, mostra.

Ligado nas inovações

O comunicador desmistifica o podcast: é o mesmo rádio que se faz há 100 anos! O que muda é o meio de transmissão. “Porém, não deixa de ser um concorrente do rádio, por ser cada vez mais uma opção de conteúdo em áudio, especialmente para jovens, com opções de ouvir a playlist preferida em serviços de streaming. As rádios com mais recursos e estrutura avançam para uma programação mais talk radio e menos musical”, constata. So-

bre transmitir em vídeo o fazer nos estúdios de rádio ele contesta. “Rádio é som e imaginação. Rádio com imagem, mesmo com jogos de câmera fica uma sensação de improvisação. Rádio é rádio, TV é TV”, defende. As redes sociais podem ser de grande utilidade para divulgação da rádio, programas e comunicadores. Sobre o futuro do radialista, Gilvane sabe que o principal patrimônio é a sintonia. “Mas o ouvinte envelhece e precisa renovar a audiência”, comenta. Exemplo de criação de mercado fora do rádio convencional, Gilvane entende que o radialista necessita estar atento a novos formatos e também se qualificar para o manejo das inovações tecnológicas.

“Obviamente, esse futuro estará ligado ao investimento que o proprietário da rádio estará disposto ou em condições de fazer, principalmente na qualificação da rádio para buscar informação, gerar conteúdo”, reconhece. Se talentoso – pontua -, o radialista pode ter a sua web rádio, mas conquistar audiência, patrocinadores e gestão comercial.

AM, FM e digitalização

A primeira rádio FM surgiu no Brasil em



1969, sete anos após a criação do Sindicato dos Radialistas. Em breve o Brasil terá apenas FM, tanto pela interferência na frequência AM como pela qualidade do som. “Já a digitalização encontra barreiras, tanto na disputa do modelo a ser utilizado, como no custo dessa inovação às emissoras, o que reduz o interesse”, explica. Mesmo com as velozes mudanças tecnológicas, uma questão tranquiliza: credibilidade, profissionalismo e seriedade nunca ficam obsoletos.